

Director: Álvaro Cruz
Santos da Silva, OFM

Ano LXXIX . N.º 832
outubro de 2016
Preço: 0,50€

Missões

PAZ E BEM

FRANCISCANAS

MENSÁRIO DE FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO MISSIONÁRIA



Gozzoli Benozzo (1420-1497) - São Francisco expulsa os demónios de Arezzo

Ano Missionário em Braga

Ano Missionário veio recuperar a urgência de uma vida em perspetiva missionária

Texto: † Jorge Ortega, Arcebispo Primaz

“É fundamental uma dinamização missionária!”

No itinerário de um Plano Pastoral delineado para cinco anos, e centrado no intuito de redescobrir a identidade cristã, a Arquidiocese de Braga dedicou o Ano Pastoral de 2015-2016 à dinâmica do anúncio da fé. Foi para nós um Ano Missionário. Partimos de Cristo e do anúncio do Reino de Deus para que os cristãos tomassem consciência que a fé deve ser anunciada por todos e em todos os ambientes. O objetivo pretendido resume-se nesta

frase: “A alegria de ser discípulo missionário”. A graça batismal não deveria ser dom enterrado mas oferta pelo testemunho e pela palavra. “O batismo não é um título que recebemos, mas um chamamento para o serviço ativo na vida da Igreja, dentro e fora de portas”.

Esta responsabilidade foi incrementada pela adesão ao convite do Papa Francisco – em ordem a saborear a Misericórdia de Deus – para se testemunhar a dinâmica da misericórdia em todas as situações e circunstâncias. Importava tocar os males da sociedade e crescer na alegria de prolongar o serviço de Cristo. Era importante alargar horizontes e reconhecer a necessidade de chegar a outras latitudes, onde as necessidades materiais e espirituais são mais tangíveis.

Assim, foi constituído o Centro Missionário da Arquidiocese de Braga

(CMAB), que se assumiu como dinamizador desta consciência missionária. Já não seria tarefa para um ano ou alguns meses mas uma tarefa ou estado de inquietação permanente. Se muitas foram as atividades realizadas, o caminho continua aberto e vai-se aprendendo para que o futuro missionário permaneça na alma das comunidades.

É fundamental uma dinamização missionária! É imperioso aterrar na realidade e chegar aos atos concretos. Foi por isso que a Arquidiocese assinou um protocolo de cooperação missionária com a Diocese de Pemba, em Moçambique. Várias hipóteses de intercâmbio eclesial, através de pessoas e meios, foram enumeradas mas as exigências de uma verdadeira geminação continuam presentes e desafiarão o futuro.

Neste momento foi assumida uma paróquia (Ocu) para onde já par-

tiu um sacerdote e dois voluntários: um engenheiro e uma enfermeira. Para além de todos os trabalhos de uma missão, encontra-se em curso a reconstrução de uma escola e de um espaço para a catequese. Também a casa onde os missionários estão a residir já se encontra em recuperação. Trata-se de um pequeno sinal que poderá ser semente para muitas outras iniciativas.

Resumindo, este Ano Missionário serviu para recuperar a urgência de uma vida em perspetiva missionária, nos cristãos e nas comunidades. O caminho é longo! Tudo começa por pequenos passos. Os resultados ninguém os pode enumerar. Pessoalmente acredito que a proposta de viver durante este ano “Assim como Eu fiz, fazei vós também” (Jo 13, 15) continuará a ser assumida como critério identificativo do cristão que, sendo discípulo, é necessariamente missionário. ●

Editorial



Texto: Frei Vítor Rafael, OFM

Embora longe da Sede da Animação Missionária da União Missionária Franciscana, torno-me presente ainda neste editorial, a pedido do novo responsável das Missões Franciscanas.

Mês de outubro! Neste período se intensificam as iniciativas de animação e cooperação em prol da Missão universal da Igreja. Um dos objetivos é fazer despertar a consciência missionária.

O anúncio do Evangelho é um imperativo para todos os cristãos. O próprio Jesus foi o primeiro a evangelizar, anunciando o reino de Deus. Antes de Partir para o Pai deixou-nos um mandato: «Ide, pois, ensinando todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 18).

Neste ano Jubilar, respondendo ao apelo de Jesus, a Igreja continua a missão confiada aos Apóstolos. No mundo em que está inserida aparecem-lhe novos desafios de modo que ela é continuamente chamada a renovar-se para trazer a Cristo os homens numa só família.

O Papa Francisco escolheu o tema da misericórdia para a mensagem do Dia Mundial da Missões: Igreja missionária, testemunha de misericórdia. Escutemos: «O Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que a Igreja está a viver, proporciona uma luz particular também ao Dia Mundial das Missões de 2016: convida-nos a olhar a missão *ad gentes* como uma grande, imensa obra de misericórdia quer espiritual quer material. (...) Em virtude do mandato missionário, a Igreja tem a peito quantos não conhecem o Evangelho, pois deseja que todos sejam salvos e cheguem a experimentar o amor do Senhor. Ela «tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho» (*Bula Misericordiae Vultus*, 12), e anunciá-la em todos os cantos da terra, até alcançar toda a mulher, homem, idoso, jovem e criança.»

Iniciamos mais um Ano Pastoral. É com alegria que de novo nos empenhamos neste serviço. Vamos continuar a trabalhar em prol das «Missões Franciscanas». Todos podemos ser missionários rezando pelas intenções da Igreja Missionária e, dentro das possibilidades de cada um, partilhando um pouco de si mesmo. Contamos consigo!

ASSINATURA DO JORNAL M.F.

. Cheque: à ordem de União Missionária Franciscana;
. Transferência Bancária: IBAN - PT50 0010 0000 2614 0490 0011 7 - BPI (enviar comprovativo de pagamento e n.º de assinante).



Texto: Isabel Galamba de Castro
Advogada

“Ser cristão não serve para nada?”

Que me perdoe o João Miguel Tavares por fazer a mesma pergunta que foi título da crónica que escreveu e publicou no jornal “Público” do dia 20 de agosto, mas o título é demasiado desafiador para deixar alguém indiferente. Veja-se o número de comentários que suscitou aos leitores do jornal e percebe-se que Cristãos e não Cristãos sentiram esse mesmo desafio e desataram a refletir sobre as palavras de JMT.

O artigo levou pessoas a ter interesse pela leitura ou releitura da bíblia, a querer saber quem foi Paulo de Tarso, ou mesmo a responder à pergunta que o autor fez. “Ser cristão não serve para nada?”

E, nessa tentativa, referem a necessidade do preenchimento da

dimensão espiritual do indivíduo, referem que essa dimensão, a par com a linguagem, é uma característica distintiva do ser humano, ainda que ser cristão seja assumir os valores éticos da Sociedade Ocidental, na procura de uma maior liberdade individual a par do menor nível de violência possível. **E por fim referem que ser cristão serve para perseguir uma doutrina assente no amor ao próximo como devendo ser esse o exemplo cristão, inspirado em Jesus.**

Mas o comentário que relevo é aquele em que se afirma que “seguidores de Jesus há muitos, e normalmente não se dão muito bem uns com os outros”, que traduz uma certa imagem que os Cristãos dão de si próprios, e que encerra um grave problema de comunicação. Deixo propositadamente cair a vertente das cisões históricas entre cristãos que levaram à diversidade de Igrejas que justificam hoje o ecumenismo, e centro-me na interpretação mais literal desta frase, ou seja, a que me confronta com o meu vizinho que professa a mesma fé.

Sem querer fazer comparações, quem vê o filme; “Comer, rezar, amar” dificilmente resiste ao con-

vite de se redescobrir, de aprender a estar em equilíbrio consigo mesmo, a amar a vida através da meditação/oração. Porém, não me lembro de ter lido ou ouvido qualquer ligação entre a proposta do filme e o seu título, três verbos que abarcam todo um programa cristão.

E não há dúvida que o cada vez maior interesse da cultura ocidental pelas diferentes formas de meditação/oração oriental passa por uma comunicação que nos entra porta dentro através do cinema, da publicidade, da música. Nesse sentido, o artigo de João Miguel Tavares, e o interesse que despertou, não tanto pelo seu conteúdo, centrado num facto político atual, mas pelo título, teve pelo menos o benefício de nos por a pensar se “Ser cristão não serve para nada?” ●

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: União Missionária Franciscana
Diretor e Chefe de Redação: Frei Álvaro Cruz Santos da Silva, OFM

Redação e Administração: Apartado 1021 - 2401-801 LEIRIA
Telefone: 244 839 904/6 Fax: 244 839 905
E-mail: umfprocnac@gmail.com
jornalmissoesfranciscanas@gmail.com
Site: www.uniao-missionaria-franciscana.org

Projeto Gráfico: www.incentea-mi.pt
Paginação: inCentea Marketing e Inovação

Colaborações: Adriana Palmela, Frei Álvaro Cruz Santos Silva, Helena Espírito Santo, Isabel de Castro, Fr. José Lima, Lílina Carvalho, Madalena Abreu, Sérgio Fonseca.

Impressão: Jorge Fernandes LDA.
Quinta do Conde de Mascarenhas, n.º 9
2825-259 Charneca da Caparica

Tiragem: 7500 exemplares

Depósito Legal n.º 60342/92
Registo de Imprensa n.º 102581
Contribuinte n.º 501 188 207

Assinatura Anual 5,50€
Assinatura Anual 10,00€
Assinatura Beneficentia 0,50€
Avulso

Membro da:



CANTINHO DE SANTO ANTÓNIO

Santo António é o Padroeiro Universal da União Missionária Franciscana. Conta com muitos admiradores e amigos em todo o mundo, dentro e fora da Igreja. Por isso penso ser de toda a oportunidade que o nosso Jornal Missões Franciscanas apresente, sempre que possível, neste espaço a que demos o nome de «Cantinho de Santo António».

O nosso Santo lisboeta é amigo de todos, sobretudo dos que recorrem a ele, sempre desejam receber graças e milagres do Céu. Moças novas casadoiras, enfermos e sãos, todos a ele recorrem.

O seu grande desejo foi ser missionário, para isso se fez franciscano. De Lisboa foi para Coimbra, de Coimbra para Sevilha, de Sevilha para Marrocos.

Em Marrocos, onde vive apenas 9 meses, a vida negou-se a concretização do seu ideal missionário; só quando regressou



novamente à Europa e a sorte o levou às costas de Itália, em Messina, na Sicília e aí começo verdadeiramente a sua vida missionária. ●

Saudação

Frei Álvaro Silva, OFM é o novo Procurador Nacional da UMF

Texto: Frei Álvaro Silva, OFM
Procurador Nacional da União
Missionária Franciscana



“Muitos antes de nós deram o melhor de si em favor deste movimento missionário”

Na sequência do último Capítulo Provincial dos Franciscanos Portugueses, o novo Ministro Provincial, Frei Armindo de Carvalho, e o seu Conselho confiaram-me a responsabilidade da Animação Missionária. Venho assim suceder ao Frei Vítor Rafael, que há doze anos me sucedeu a mim neste mesmo serviço e a quem agora agradeço todo o trabalho que realizou nos últimos 12 anos como Procurador Nacional da UMF e Diretor do Jornal Missões Franciscanas. Agradeço também a confiança que os meus Superiores depositaram em mim para o desempenho destas funções.

A vós, Amigas e Amigos da União Missionária Franciscana, leitores e assinantes do Jornal Missões Franciscanas e a quantos simpatizam com a nossa forma de estar e servir a Igreja e a sociedade, a minha Saudação de Paz e Bem!

A UMF existe em Portugal desde 1922, está portanto a caminho de celebrar 100 Anos.

Muitos antes de nós deram o melhor de si em favor deste movimento missionário: Procuradores nacionais e locais, muitas/os Zeladores e milhares de Associados,

em todo o continente e ilhas, e o mundo da emigração têm servido com muito amor a causa missionária franciscana.

Recentemente assistimos aos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro. A chama olímpica atravessou o mundo, em sinal deste acontecimento importante mas passageiro. A chama da nossa fé percorre o mundo inteiro há mais de dois mil anos, não vamos apagar essa chama! Vamos sim ajudar a espevitá-la ainda mais. Vamos rezar muito pela atividade missionária da Igreja e pelos missionários franciscanos em particular.

Eu, agora em Leiria, conto com todas e com todos! Porque os Missionários Franciscanos espalhados pelo mundo precisam de todos nós. Muitos deles vivem em zonas de guerra, como no Médio Oriente, outros vivem em zonas onde é difícil espalhar a Fé Católica, como em muitas regiões da Ásia, outros ainda vivem paredes meias com graves problemas económicos e sociais como na América do Norte e Sul.

No passado próximo, muitas das nossas energias se concentravam

em África. Hoje, apesar de alguns focos de fome e guerra, o continente africano é um continente promissor sob o ponto de vista eclesial e do dinamismo religioso. No entanto **não podemos deixar de apoiar com a nossa Oração e a nossa Partilha Fraternal as missões franciscanas em África**, particularmente as que ainda estão afetivamente ligadas a nós: Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e o tão longe e tão perto Timor Leste.

São estas as minhas primeiras palavras para vós, aqui, enquanto Procurador Nacional da União Missionária Franciscana. Preocupações em relação à função, neste momento não tenho. Confio muito em Deus! Confio muito em Santo António de Lisboa, Padroeiro Universal da UMF e confio também muito em vós, generosos benfeitores dos Franciscanos e das suas Missões. Por vós todos rezarei diariamente, pelas vossas famílias e pelos vossos filhos e netos. Pelos doentes e pelos que vivem sozinhos, por todos rezarei, com a confiança do Senhor que diz. «Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e concentrareis; batei e abrir-se-vos-á» (Mt 7,7). A todos a quem chegaram estas minhas palavras, desejo-vos toda a Paz e muito Bem. ●

FREI ÁLVARO SILVA - NOVO PROCURADOR NACIONAL DA UNIÃO MISSIONÁRIA FRANCISCANA

CURRICULUM VITAE

Frei Álvaro Cruz Santos da Silva, natural de Olhão onde nasceu a 1 de novembro de 1959, fez a Primeira Profissão na Ordem Franciscana a 4 de outubro de 1980, os Votos Solenes a 15 de janeiro de 1984 e recebeu a Ordenação Presbiteral a 6 de julho de 1986.

Habilitações Académicas

Tem várias formações no âmbito teológico, referimos apenas algumas: no ano letivo de 1984/85 concluiu o Curso de 1.º Grau em Teologia na Universidade Católica em Lisboa, onde se licenciou em Teologia em 1985, defendendo uma tese sobre a “Fundamentação Neotestamentária da Vida Consagrada”. A 15 de outubro de 2013 concluiu o 2.º Grau Canónico em Teologia Sistemática, com a apresentação de uma tese com o tema: “Attende, o Homo”. Uma leitura Antropológica dos Escritos de São Francisco de Assis”. Presentemente é doutorando em Teologia Pastoral na Universidade Católica em Lisboa.

gica dos Escritos de São Francisco de Assis”. Presentemente é doutorando em Teologia Pastoral na Universidade Católica em Lisboa.

Publicações

Livros

SILVA, A. – *O Homem Nos Escritos de São Francisco de Assis. Uma reflexão no âmbito da Antropologia Teológica*. Lisboa: Editorial Franciscana, 2014.

SILVA, A. – *Desafios do Papa Francisco as Consagradas e Consagrados*. Coimbra: Editorial Franciscana, 2015.

Artigos

SILVA, A. – “A Comunicação de Deus em São Boaventura”, *Itinerarium LVI* (2010) 77-90.

SILVA, A. – “Os Franciscanos de Varatojo e Montariol em torno da ‘Voz de santo António’”, *Itinerarium LVII* (2011) 223-245.

Estudos

SILVA, Frei Álvaro Cruz da – *As Missões ‘Ad Gentes’ na Província. E nos recentes docu-*

mentos da Ordem e da Igreja. Edição pró-manuscrita da PPOF, março de 2014.

Jornalismo

Desde 1999 colabora assiduamente com artigos e traduções para o mensário Missões Franciscanas (Ano LXIII, n.º 652, julho de 1999). Desde 2002 (Ano LXV, n.º 688, novembro de 2002) integra o corpo e redatores do mensário Missões Franciscanas. É da carteira de Jornalista n.º TE – 765.

Atividades na Província Portuguesa da Ordem Franciscana

Exerceu as funções de Superior de 1990-1992 na Fraternidade de Faro e de 2001-2002 na Fraternidade de São José, Curia Provincial em Lisboa. Foi Secretário Provincial da Evangelização Missionária de 1992-1998 e Procurador Nacional da União Missionária de 1992-2004.

Outras Atividades

De outubro de 1988 a agosto de 1992 foi Capelão Militar. De 1990-1992 foi Pároco da paróquia de Nossa Senhora da Conceição (Conselho de Faro) e da Paróquia de São Bartolomeu de Pechão (Conselho de Olhão). Foi várias vezes membro do Conselho Presbiteral do Patriarcado de Lisboa, como representante dos Superiores das Casas e Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Apostólica.

A Conferência Episcopal Portuguesa, reunida em 11-14 de novembro de 2013, nomeou-o Assistente Nacional do Movimento Esperança e Vida, cargo que ainda ocupa.

Recentemente

Foi nomeado novamente para Procurador Nacional da União Missionária Franciscana e Vigário do Convento de São Francisco em Leiria. ●

Retiro Nacional da UMF

Fátima acolheu os 70 participantes do retiro da União Missionária Franciscana

Texto: Frei Álvaro Silva, OFM

“participantes usufruíram das celebrações marianas do Santuário”

A União Missionária Franciscana esteve em Fátima de 25 a 29 de agosto de 2016, no seu Retiro Anual. O retiro teve lugar na Casa de Nossa Senhora das Dores e contou com a participação de 70 pessoas, vindas de diversas Procuradorias Locais da UMF espalhadas pelo país, bem como de outros Amigos das Missões Franciscanas.

Foi conferente o Frei Vítor Rafael (formado em Missionologia), que desenvolveu, de acordo com a doutrina da Igreja, temas relacionados com a Misericórdia Divina, como



nos é pedido pelo Santo Padre para este Ano Santo. Participaram também todos os membros da Direção da UMF.

Os Momentos Missionários (espaços em que se dá a conhecer o concreto da vida missionária franciscana) foram da responsabilidade de Frei Paulo Duarte, Missionário na Guiné-Bissau ao longo de 31 anos. Além da vivência das Eucaris-

tias próprias do retiro e de outros momentos litúrgicos, como a Via-Sacra no Valinhos, os participantes usufruíram das celebrações marianas do Santuário, bem como das Procissões de Velas realizadas no recinto do Santuário.

O Ministro Provincial, Frei Armindo de Jesus Ferreira de Carvalho, presidiu à Eucaristia de encerramento do Retiro.

Sendo o ano de 2017 o Ano Centenário das Aparições de Fátima, lançamos desde já o apelo a todos os nossos amigos para considerarem a vossa participação no retiro do próximo ano, marcado para os dias de 17 a 21 de agosto, em Fátima, casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores. ●

MATERIAL MISSIONÁRIO 2017

Já se encontra disponível o material missionário para 2017. Se gostaria de ajudar as Missões Franciscanas através da divulgação deste material (Calendário, Agenda e Almanaque), entre em contacto connosco, nos locais ha-

bituais onde os franciscanos estão presentes, ou peça directamente a:

MISSÕES FRANCISCANAS
Rua dos Mártires, 1 Apartado 1021
2401-801 LEIRIA



CALCUTÁ - ÍNDIA

Texto: Agência Fides

“A Igreja na Índia está na vanguarda para combater a pobreza e a fome.” Foi o que disse o franciscano Pe. Nithya Sagayam, OFM Cap, num seminário nacional sobre o tema “Respostas à fome e à pobreza extrema”, organizado pela ONG “Franciscans International” e pelo Centro dos Jesuítas de Udayani, em Calcutá, de 11 a 14 de setembro. Segundo a Fides, o franciscano recordou que a Igreja indiana age “em conformidade com os objetivos de Desenvolvimento do Milénio”, com especial atenção aos objetivos do desenvolvimento sustentável e da segurança alimentar.

Franciscans International (FI) é uma ONG credenciada na ONU que reúne

os membros da Família Franciscana (religiosos, religiosas e leigos) em todo o mundo. O objetivo do Seminário organizado em Calcutá era compreender melhor as raízes da pobreza extrema e do fenómeno da fome no contexto local, para identificar e atuar estratégias para combatê-las e erradicá-las. “Franciscans International publicou um manual sobre a pobreza extrema e a fome no mundo: nós nos concentraremos sobre como atuá-lo no contexto indiano” explicou Pe. Sagayam.

Os presentes – especialistas, responsáveis da Caritas, padres e religiosos de toda a Índia – possuem planos de ação concretos adotados em diversas áreas do país, em um profícuo confronto sobre os meios e as modalidades concretas para contrastar a indigência e contribuir no desenvolvimento e na autonomia das populações marginalizadas. ●

Viagem aos fiordes da Noruega

Viagem organizada pela UMF decorreu de 24 de junho a 2 de julho

Texto: Helena Salema

“Um pequeno momento de espiritualidade com as orações do Padre Castro uniu-nos em comunhão com o Senhor.”

Foi a primeira vez que nos juntámos a uma viagem organizada pela União Missionária Franciscana. No aeroporto, num grupo, os 42 viajantes falavam animadamente, riam e abraçavam-se. Malas enormes prontas para a grande viagem! Não é um grupo qualquer, é uma comunidade! Aterrámos em Copenhaga e a nossa guia, Isabel, sempre profissional, atenta e cuidadosa, encaminhou-

-nos para um autocarro com atrelado especial para a volumosa bagagem. Pernoitámos num bom hotel, no centro. Sábado cedo, partimos para uma visita guiada. Um pequeno momento de espiritualidade com as orações do Padre Castro uniu-nos em comunhão com o Senhor. Guiados pela Fátima, goesa, **percorremos a pé a rua “ecuménica” com as suas três igrejas, luterana, ortodoxa e católica** e, de autocarro, até aos palácios reais, à opera, e à emblemática pequena sereia. Após um almoço pantagruélico, embarcámos no cruzeiro, Opera da MSC, um mundo de conforto, lazer e descanso para todos os gostos, com piscinas, sauna, ginásio, recintos de dança com animadores e um teatro com espetáculos diários.

Uma noite de viagem e aportámos cedo, no Domingo. Reunimo-nos numa celebração da missa dominical, presidida pelo Pe. Castro e pelos Pe. Vítor Rafael e Pe. Álvaro Silva. Warnemunde é uma estância de veraneio no Báltico. Para os nossos padrões de verão, era mais uma estância de inverno. Frente ao mar, azul encrespado pelo vento, os poucos veraneantes abrigavam-se do vento, frio em cadeiras de verga que mais pareciam guaritas. Pontos de interesse: o farol antigo, o Teepot, um exemplo da arquitetura da ex-Alemanha de

Leste, o velho canal com os seus restaurantes e navios de pesca. Os mais afoitos aproveitaram para uma visita a Rostok, uma cidade histórica, a cerca de 20 quilómetros. Reembarcámos e, numa navegação de pouco mais de 24 horas, avistámos a terra recortada e ilhas, no canal de Storebelt passando pelo mar de Kattegat entre a Suécia e a península dinamarquesa de Jutlandia e entrando, de seguida, no mar de Skagerrak, rumo à Noruega. Todos tivemos o nosso tempo de lazer consoante os nossos gostos: coquetel de Gala, um show, evocando a Divina Comédia de Dante, dança. Chegados a Bergen, terça-feira e acompanhados pela Isabel, subimos de funicular ao monte de Brygen, lugar na lista de Herança no Mundo da UNESCO, pela sua conservação da natureza paisagística e cultural como os modos de vida tradicionais. Do alto, desfrutava-se uma vista maravilhosa de Bergen, uma jóia de cidade entre sete colinas e baías recortadas, com ilhas e ilhotas, muitas habitadas com uma ou duas casas de madeira e um logradouro ao longo do fiorde de Hejeltejorden. A zona antiga da cidade, junto ao porto e ao comércio de peixe, é um labirinto de casas de madeira pintadas de cores quentes, pertencentes outrora à liga Hanseática, uma cadeia de cidades no Bál-

tico, na Idade Média, que prosperou com o comércio de peixe. De novo a bordo, rumo a Hellessylt e Geiranger. A partir das 4h00 da manhã, já com sol, (alguns mais madrugadores foram ver o nascer do sol), um espetáculo deslumbrante ao longo de fiordes, onde o mar profundo rasga a terra ao longo de mais de 200 quilómetros. A bombordo e a estibordo, montanhas escarpadas, de cumes nevados, ponteadas de cascatas torrenciais, provenientes do degelo. Em Gereiger, excursões de autocarro e a pé, até aos miradouros nas montanhas para admirar a beleza dos fiordes e dos glaciares. Estradas estreitas, serpenteantes, de fazer medo a quem tem vertigens...

De novo a bordo, direção sul, rumo ao fiorde de Sognefjord, o mais longo da Noruega, e ao pequeno porto de Flaam. A aventura de viajar no caminho de férreo mais íngreme do mundo, entre montanhas majestosas, cheias de histórias lendárias e cascatas e de autocarro, apreciar uma região montanhosa de média altitude de regresso a Flamm. Ao zarpar do minúsculo porto, pudemos, durante horas, dizer adeus à beleza deste fiorde, até de madrugada, entrarmos no mar alto rumo a Copenhaga e depois a Lisboa, no dia 2. Bem hajam todos! ●



Beata Alexandrina de Balazar

«Vai devolver as flores!»

Texto: Frei José Dias de Lima, OFM

“Os santos são os amigos de Deus”

Desde o dia em que fui operado a um tumor maligno, tendo-me sido extraído todo o estômago, no IPO do Porto, dia 23 de junho de 2008, que Carolina vai a pé, num percurso de quinze quilómetros, de Geão, concelho de Vila do Conde, diocese do Porto, até Balazar, concelho da Póvoa de Varzim, diocese de Braga, assiste à Santa Missa em ação de graças à Beata Alexandrina, pela sua intercessão junto de Jesus em favor da minha operação e pelo meu restabelecimento, como fez questão de me dizer:

«Todos os dias 13 de cada Mês, por ter sido num dia 13, em outubro, o falecimento da Beata Alexandrina de Balazar, a minha missa na Basílica é pelo Sr. Padre Lima. Já tive

peças que me telefonavam e me diziam: “Ó Lina, está a chover tanto! Tu vais?”. E eu respondia logo: “Eu vou!”. E diziam-me: “Ó mulher, com esta chuva, este vento e este temporal?! Estás maluca!”. E eu dizia-lhes: “Estou maluca? Pois ainda não bati com a cabeça na parede!”. E assim eu despachava-as e rompia por lá fora que o destino era Balazar. E até hoje não falhei, e é certinho! Prometi cumprir enquanto puder, em ação de graças pela saúde do Sr. Padre Lima, que a Beata Alexandrina concedeu-me essa graça! Olhe, Sr. Padre – continuou – numa dessas minhas caminhadas, foi há cinco, chovia tanto, mas tanto, que não me lembra de tal dilúvio. E disse para o grupo que ia comigo: “Há aqui alguém que vai à Beata Alexandrina, mas sem fé nenhuma! Quem é? Este temporal nunca me aconteceu em cinco anos, desde que estou fazendo a minha promessa pelo Sr. Padre Lima!”

– Não me diga que a razão desse dilúvio foi essa!

– Pois foi, Sr. Padre Lima, porque depois de duas delas terem chamado os maridos para as ir buscar, desistindo da caminhada, e nos terem desaparecido da vista, a chuva parou e não choveu mais!

– Os santos são os amigos de Deus, amiga Carolina, e, por isso, não nos admiremos das graças e milagres que nos granjeiam da parte de Deus. – A propósito, S. Padre Lima, o meu pai foi lá com a minha mãe, num mês de agosto e a Beata Alexandrina disse-lhe: «Vais ter uma menina!». E a minha mãe respondeu: «Não pode ser, que não estou grávida e já tenho um filho com onze anos!». Mas, na verdade, a minha mãe estava grávida de mim sem o saber. A Beata faleceu em 13 de outubro desse ano e em abril nasci eu, como a Beata previra. Noutra altura, a mãe do meu marido estava muito doente e a avó pegou nela e nos netos, alugou um táxi e foi lá, isto ainda em vida da Beata. Quando chegaram à porta da casa, convidou o taxista a entrar, mas ele respondeu: «Eu não vou aí ver essa bruxa que nem me quero com gente dessa!». Pois o táxi só pegou depois de ir lá dentro vê-la.

– É maravilhoso minha amiga!

– Noutra ocasião, Sr. Padre Lima, uma senhora foi a pé, desde a sua casa, a Balazar e, nos jardins das casas por onde passava, se lhe podia chegar, colhia uma flor, conseguindo um ramalhete bonito de flores. Quando chegou junto dela,

a Beata pegou no ramo, quase nem reparando em quem lho ofereceu, pois éramos um grupo grande. No fim de falar connosco perguntou: «quem me entregou este ramo de flores?!». A tal senhora respondeu: «fui eu!». E a Beata disse-lhe: «então faça o favor de chegar aqui, pegue de novo neste ramo de flores, vai desfazê-lo e vai devolver as flores às casas de onde as colheu, porque são flores dos outros e não são suas!». É espantoso, porque a Beata Alexandrina nem as viu colher, como soube que as flores foram colecionadas das casas por onde aquela mulher passou?! Enfim... valha-nos a Beata Alexandrina de Balazar!

Esta história tem um desenvolvimento muito maior no *III volume das Histórias de Vida* que publiquei em novembro de 2015. Quanto a mim, só sete anos depois de ter extraído o estômago, no dia 13 de julho de 2015, acabei por ir à Casa da Beata Alexandrina Maria de Balazar, acompanhado pela Carolina, o marido e alguns devotos, para celebrar, no seu quarto, onde passou um calvário de sofrimento, a Santa Missa, e assim cumpri a promessa de Carolina, em ação de graças pelo êxito da minha cirurgia. ●



OBITUÁRIOS



Frei Manuel Augusto Calheiros Valença, OFM
Sacerdote Franciscano

No dia 26 de julho de 2016, na Enfermaria Provincial, em Lisboa, faleceu o Frei Manuel

Augusto Calheiros Valença. Tinha 99 anos de idade, 80 de profissão religiosa e 74 de sacerdócio

Manuel Augusto Calheiros Valença nasceu em São Vítor de Braga, a 10 de abril 1917, filho de Francisco José Valença e Silva e de Maria Aurora Calheiros Valença, tomou o hábito a 7 de setembro de 1933 e profissão temporária a 8 de setembro de 1934; profissão solene a 7 de outubro de 1938 e sacerdote a 25 de julho de 1940.

Após a ordenação sacerdotal, foi professor do Colégio de Montariol e ainda diretor do “Almanaque de Santo António”.

Tirou o curso superior do Conservatório de Música do Porto e publicou algumas peças de música e trabalhos históricos.

De 10 de setembro de 1959 a 7 de outubro 1974 foi missionário em Moçambique, e em Pretória, África do Sul. A presença do P. Valença alcançou relevo em Moçambique, principalmente pela sua atividade no campo da música, em três setores: nos serviços litúrgicos da paróquia da Polana, na colaboração com o coral “Pequenos Cantores da Polana” e em concertos de órgão.

Regressado a Portugal, a 21 de abril de 1977, continuou a trabalhar para as Missões, deslocando-se todos os anos aos Estados Unidos e ao Canadá para trabalhar na campanha intitulada “Mission Appels”. Outro trabalho de grande merecimento que desenvolveu foi o estudo, da história da arte organística em Portugal, do qual resultaram várias conferências, artigos em revistas e a publicação de alguns livros.

Fixado durante longos anos na Fraternidade do Porto onde desempenhou a sua atividade, sacerdotal e musical na Capela de Nossa Senhora dos Anjos, sobretudo no atendimento das almas, que a ele recorriam. ●



Frei Joaquim Domingues, OFM
Sacerdote Franciscano

Dia 8 de agosto de 2016, nas primeiras horas da manhã, na Casa de Saúde da Boavista no Porto, faleceu o Frei Joaquim Domingues. Tinha 85 anos de idade, 67 de profissão religiosa e 60 de sacerdócio.

Joaquim Domingues nasceu em Queimada, Fafe, a 29 de outubro de 1931, filho de Clementino Domingues e de Maria Gonçalves. Tomou o hábito franciscano a 15 de agosto de 1948. Fez a sua profissão temporária a 16 de agosto de 1949, a profissão solene a 19 de dezembro de 1952 e foi ordenado Sacerdote a 29 junho de 1956.

Após a ordenação sacerdotal, foi enviado para o Pontifício Ateneu Antoniano de Roma, a fim de prosseguir com estudos superiores. Impedido de os prosseguir por falta de saúde, regressou à Província, tendo-se dedicado à pregação e ao atendimento no

confessionário.

Exerceu os cargos de Comissário Nacional da Ordem Franciscana Secular (1966-1969), foi guardião de Lamego (1960-1970), Guardião e Pároco de São Pedro de Vila Real de 1970 a 1984 e depois coadjutor da Paróquia da Pontinha (Lisboa) (1992-1995).

Nomeado Vigário do convento dos Anjos do Porto em 1995, aí se manteve em vida fraterna até hoje. Desempenhou a sua atividade sacerdotal com grande dinamismo apostólico, alegria e espírito fraterno, não só na fraternidade como ajudando em muitos serviços paroquiais que lhe eram solicitados em paróquias da zona.

Uma alma alegre, cheio de caridade, bom humor, disponibilidade para os serviços, mesmo os mais humildes, assim terminou a sua vida terrena, passando à eternidade. O Senhor lhe dê o eterno descanso. ●

Missionários da Paz

Sepultado no Chão da Guiné - VII

Texto: Frei José Dias de Lima, OFM

“lutou e acreditou como poucos que era possível fazer parar a guerra fratricida”

Frei Victor fora chamado para acudir ao Sr. bispo D. Settimio que fizera uma fratura do colo do fémur, devido a uma queda, tendo ficado muito mal. Ora, o aeroporto estava fechado e as estradas bloqueadas, e então o embaixador francês disponibilizou um helicóptero para levar o Prelado até Dakar (Senegal). A viagem de Bissau para Dakar significou seis horas de helicóptero, acompanhado do Frei Victor. Em Dakar, primeiro foram para o aeroporto militar francês da cidade, onde o aguardou o Núncio Apostó-

lico, e dali foi levado para o hospital principal da cidade. O ortopedista, depois de alguns exames radiológicos, disse que o Sr. Bispo tinha de ser operado mas que o hospital não tinha o material necessário. Por isso se decidiu providenciar de imediato para a sua viagem para Itália. Mas não seria fácil este calvário de D. Settimio, já que teve de esperar três dias por um voo para Milão e teve de suportar dores horríveis pela incapacidade dos analgésicos. O Frei Victor ficou no hospital junto do Prelado pois sabia que o Sr. Bispo não se podia levantar e era preciso ajudá-lo para ir à toilette ou beber água, e por isso ali ficou ao seu lado, de vigia.

O Bispo seguiu então para Milão e foi a embaixada de Portugal em Itália que pagou o bilhete do Bispo e do Frei Victor. Para Dom Settimio poder ir de maca, pagaram seis bilhetes, os lugares que a maca ocupou de outros passageiros. Foram seis horas de avião até chegar a Milão, e mais quatro horas de ambulância até chegar ao destino.

D. Settimio regressaria a Bissau apenas no dia 24 de janeiro de 1999, para morrer logo no dia 27 do mesmo mês e ano, em plena guerra civil, não vítima da guerra dos homens mas da sua guerra contra o cancro, que não venceu. Viria depois a ter

não um mas três funerais:

- O primeiro, que não se realizou! Depois de morrer, foi posto em câmara ardente na Catedral, mas, como três dias depois a Guerra voltou a eclodir, foi retirado da catedral e colocado na capela mortuária (à entrada da catedral), que nunca tinha sido usada como tal; foi o primeiro a ser lá colocado e esteve lá três meses, ainda sem ser sepultado.

- O segundo, com sepultura: pelos princípios de março, num momento de paz, D. Settimio foi finalmente sepultado na capela-mor da catedral, com cerimónia religiosa em que participaram três bispos, vários sacerdotes e uma numerosa multidão de fiéis.

- O terceiro, com transladação: um ano depois, o seu corpo foi trasladado da capela-mor para a capela mortuária, com a presidência do Núncio Apostólico dos países da Conferência Episcopal da Região (Guiné, Senegal, Cabo Verde e Mauritânia). A capela mortuária transformou-se, a partir dessa altura, num lugar de veneração do povo cristão da Guiné-Bissau ao seu primeiro Bispo, que assim foi sepultado no chão guineense que amou como sua segunda pátria, onde muito trabalhou e onde sempre desejou ser sepultado.

Dom Settimio foi, efetivamente, o primeiro Bispo da Guiné-Bissau, um pastor que em treze anos (1977-1999) deu à sua diocese as estruturas materiais necessárias (cúria diocesana, centro diocesano de espiritualidade em N'Dame, seminários diocesanos maior e menor que possibilitaram o aparecimento de padres e religiosas naturais da Guiné, variadas residências missionárias e diferentes escolas e postos sanitários..); um Bispo que, gradualmente, com a ajuda eclesial dos Institutos sediados na Guiné, foi fazendo da Igreja guineense uma verdadeira Família diocesana (estruturação duma pastoral unitária, criação de novas missões e paróquias, tanto nas cidades como no interior do país, criação da congregação feminina diocesana...); um Bispo preocupado pelo desenvolvimento social da Guiné-Bissau (muitas dezenas de bolsas de estudo na Europa para formandos guineenses, incentivo à criação de pequenos postos sanitários em todas as missões sobretudo naquelas em que houvesse Religiosas, criação do liceu diocesano...); e sobretudo um Bispo que, apesar de sua doença cancerosa e dos seus 75 anos, lutou e acreditou como poucos que era possível fazer parar a guerra fratricida. ●

CORTAR E ENVIAR PARA:

União Missionária Franciscana - Convento De São Francisco
Rua Dos Mártires, 1 - Apartado 1021 - 2401-801 Leiria

- Valor de 1 Bolsa de Estudo (250,00 €)
- Valor de 1/2 Bolsa de Estudo (125,00 €)
- Ajuda para Bolsa de Estudo no valor de €
- Envio cheque à ordem de União Missionária Franciscana
- Envio vale postal à ordem de União Missionária Franciscana
- Faça transferência bancária para: IBAN: PT50 0007 0018 0025 6060 0058 6
- Desejo comprovativo para dedução do IRS / IRC (N.º Contribuinte:

BOLSAS DE ESTUDO 2016/2017

QUERO APOIAR A FORMAÇÃO DOS MISSIONÁRIOS FRANCISCANOS

Está nas nossas mãos apoiar e fazer com que se desenvolvam as vocações missionárias franciscanas que vão surgindo. «É o Espírito que impele a anunciar as grandes obras de Deus! Porque, se anuncio o Evangelho, não tenho de que me gloriar, pois que me foi imposta esta obrigação: Ai de mim se não evangelizar! (1Cor 9, 16). Em nome de toda a Igreja, sinto o dever imperioso de repetir este grito de S. Paulo» (*Redemptoris Missio*).

A Bolsa de Estudo é a oferta duma importância em dinheiro para ajudar as despesas com a formação das vocações missionárias. Cada Bolsa deve atingir a importância de 250,00€, oferecida de uma só vez ou em várias prestações. Uma Bolsa pode ser oferecida por uma ou várias pessoas. «Quanto às ajudas materiais, é importante ver o espírito com que se dá. Para isso torna-se necessário rever o próprio estilo de vida: as missões não solicitam apenas uma ajuda, mas uma partilha do anúncio e da caridade para os pobres. Tudo o que recebemos de

Deus - tanto a vida como os bens materiais - não é nosso, mas foi-nos confiado em uso. Que a generosidade no dar seja sempre ilu-

minada e inspirada pela fé». ●

(*Redemptoris Missio*)



A “Cajueira”

Uma história da Missão de Buba, Guiné-Bissau.

Texto: M.^a Filomena Costa
Missão de Buba, Guiné-Bissau

“Um presépio africano! Um Natal como o de Francisco de Assis, na floresta de Greccio! Não importa a raça, nem a cor da pele. Jesus faz-se homem em cada criança que nasce. É mistério intercultural.”

O dia amanheceu quente e húmido. Irmã Hermínia levantou-se cedo, e foi, como de costume, dar de comer aos animais que havia na Missão: porcos, galinhas, cabras e até duas gazelas. É que, além dos produtos da horta, também a carne destes animais contribuía, e muito, para a economia da sua Comunidade.

Mal tinha começado a sua tarefa, sentiu bater ao portão.

– Tão cedo?! – disse para consigo. – Alguma aflição!...

Deixou o que estava a fazer e foi abrir o portão.

– Irmã, irmã, vem! Menino vai nascer! Mãe está mal.

Era o marido de uma senhora, aflito, pedindo ajuda. Irmã Hermínia foi a casa, pegou na “malinha” com os seus utensílios de enfermagem e dirigiu-se, apressadamente, para a “tabanca”, a casa da mulher, que estava prestes a ser mãe. Mal

chegou à porta, dizem-lhe lá de dentro:

– Irmã, não está aqui. Foi para o cajual.

Irmã Hermínia caminhou apressada e preocupada em direção ao cajual, seguida pelo pai da criança. Andaram uns metros e, qual não foi o seu espanto quando, debaixo de um cajueiro, deitada numa esteira, estava a mulher, já em adiantado trabalho de parto.

– Ó mulher, o que te deu? Por que não esperaste em casa? – perguntou a Irmã Hermínia, um pouco “zangada”.

– Irmã, irmã, depressa, vai nascer.

E nasceu mesmo. E tudo tão rápido, que a Irmã mal teve tempo de se preparar. E ali mesmo, na terra nua, debaixo de um cajueiro, que até parecia curvar os ramos em sinal de aconchego e de proteção, deu-se mais um milagre da vida: nasceu uma linda menina. Aquecida pelos raios do sol, que espreitava por entre os ramos do cajueiro, acariciada pela brisa suave, que soprava no topo das árvores, foi saudada pelas aves, que cantavam, como se celebrassem a sua chegada.

Que bela e enternecedora cena da natividade! Um presépio africano! Um Natal como o de Francisco de Assis, na floresta de Greccio! Não importa a raça, nem a cor da pele. Jesus faz-se homem em cada criança que nasce. É mistério intercultural.

Terminados os trabalhos do parto e após algum tempo de repouso necessário à mãe, foram para casa. Mãe e filha ficaram bem. Mas antes de vir embora, a Irmã Hermínia, numa das suas saídas assertivas e com o sentido de humor que, ainda hoje, mantém, voltou-se para a mãe e disse-lhe:

– Olha, agora não te esqueças de lhe pores o nome de cajueira...

E regressou à Missão, feliz, por tudo ter corrido bem e por ter ajudado a vir ao mundo mais uma criança, de tantas no seu longo serviço de enfermeira-parteira.

Meses depois, procuraram a Irmã Hermínia na Missão.

– Irmã, vá à porta. – disse-lhe uma das Irmãs da sua Comunidade. –



Está ali uma mulher a procurá-la. Diz que traz a cajueira para a Irmã ver.

– A cajueira?! Perguntou a Irmã Hermínia. Que cajueira? Eu não pedi nada. Nem sei de nenhuma cajueira, nem cajueiro... Deve haver confusão.

E continuou o trabalho que estava prestes a terminar. Mas, de repente, veio-lhe à lembrança o nascimento da criança no cajual, e o que dissera à mãe sobre o nome a dar à menina, por graça, claro. Não, não podia ser... Mas ficou intrigada e pensativa e não esperou mais. Correu à cozinha, abriu a porta e deparou-se com uma mulher com uma criança.

– A que vens, mulher? O que precisas? – perguntou a Irmã Hermínia, julgando tratar-se de mais uma pobre mãe, de tantas que, diariamente, batiam à porta da Missão Católica das Irmãs Franciscanas a pedir ajuda, num país onde 75% da população vive na pobreza.

– Irmã, venho mostrar-lhe a cajueira – disse-lhe a mulher, sorrindo.

– A cajueira?! Mas qual cajueira? – perguntou a Irmã Hermínia, já um pouco desconfiada...

– A menina que nasceu no cajual. Foi a Irmã quem ajudou e lhe pôs o nome...

– Ó mulher, tu não me digas que puseste esse nome à tua filha?! – disse-lhe a Irmã Hermínia, incrédula.

– Sim, Irmã, é Cajueira. Olhe que linda!

E, voltando-se, mostrou a criança que segurava nas costas, amarrada com o típico pano da mulher africana. A Cajueira era mesmo a menina que tinha nascido no cajual. A Irmã Hermínia nem queria acreditar. Ficou sem palavras, e numa explosão de alegria soltou uma das suas “finas” gargalhadas.

E agora o que fazer?! Só lhe restava agradecer à mãe, muçulmana, o seu gesto de ir à Missão Católica apresentar a filha, e pedir a bênção de Deus para a menina. Pegou na criança, tomou-a nos braços e exclamou: – Que Deus te abençoe, “Cajueira”! Que sejas feliz e dê muito fruto.

E cada uma seguiu a sua vida.

A Irmã Hermínia já deixou a Guiné, já não é enfermeira-parteira, mas continua feliz e “cheia de graça”, com o mesmo sentido de humor, apesar dos seus oitenta e seis anos, lúcidos e saudáveis, muitos deles “gastos” em África.

A “Cajueira” continua na Guiné, já é mulher e mãe, é feliz, abençoada por Deus e deu muito fruto. ●